



Fortalecer a comunhão que impulsiona a missão

CARTA DO ANO 2025

Gregoria Ruiz Alegarbes

Fortalecer a comunhão que impulsiona a missão

Carta do ano 2025

Gregoria Ruiz Alegarbes
Diretora da Instituição Teresiana

Manila, 1 janeiro 2025

© Institución Teresiana
Documento digital
Circulação restrita

Edição:
Departamento de Informação IT
Príncipe de Vergara 88
28006 MADRID - Espanha

INTRODUÇÃO	1
I. O MUNDO AO QUAL SOMOS ENVIADOS	2
As tecnologias emergentes	3
A paz ilusória	4
Instabilidade económica	4
O lamentável estado da nossa casa comum	5
II. RESPOSTA AOS DESAFIOS ATUAIS	6
Criar uma cultura do encontro	7
Questionar o nosso estilo de vida	8
Fortalecer a comunhão	9
Participar ativamente na missão	10
III. O CHAMAMENTO À RENOVAÇÃO DA INSTITUIÇÃO TERESIANA	12
Voltando a casa, ao nosso centro	13
Alimentar o coração das nossas comunidades	14
IV. MARIA: O CORAÇÃO DA NOSSA OBRA	16

INTRODUÇÃO

Entramos no ano 2025 com o coração cheio de gratidão pela bênção e o privilégio de ser uma Obra da Igreja, ao serviço da missão de Cristo. A celebração do centenário da aprovação pontifícia da Instituição Teresiana despertou energias renovadas – não só entre os membros, mas também entre os nossos amigos, colaboradoras e colaboradores -, para estimar a vocação, comprometer-se com a missão e partilhar o carisma. Dos diferentes cantos do mundo onde a Instituição Teresiana está presente, ressoaram o espírito de gratidão, a alegria de contar a nossa história e várias expressões para fazer memória. Saboreando estas graças recebidas e vibrando com nova energia e reavivada esperança, avançamos para os novos desafios e oportunidades que nos esperam no ano que está prestes a começar.

É encorajador que, ao concluirmos a comemoração do ano centenário da aprovação pontifícia da IT, a Igreja nos conduza a um ano jubilar, outro “ano de graça”. Sabemos que o ano jubilar do Antigo Testamento foi decretado por Deus como um tempo de libertação, de perdão, de justiça e de descanso sagrado para a terra. É um tempo para endireitarmos a nossa relação com Deus, uns com os outros e com toda a criação. E com que urgência o nosso mundo precisa do consolo da promessa de Deus!

Como comunidade de fé afirmada no dinamismo e na atualidade do carisma que recebemos, respondemos ao apelo da Igreja para sermos portadores de esperança e pomos mãos à obra para construir um mundo mais amável, justo, solidário e inclusivo, segundo o sonho de Deus.

Na sua carta sobre o Ano Jubilar 2025, o Papa Francisco lançou este apelo:

*Devemos manter acesa a chama da esperança que nos foi dada e fazer todo o possível para que cada um recupere a força e a certeza de olhar para o futuro com espírito aberto, coração confiante e mente clarividente.*¹

Acolhendo o apelo do Santo Padre, comprometemo-nos a dar testemunho do amor fiel de Deus e a trabalhar pela transformação humana e social ancorada nos valores do Evangelho de Jesus, onde quer que estejamos e nas situações em que estamos imersos.

I. O MUNDO AO QUAL SOMOS ENVIADOS

«As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens do nosso tempo... são ao mesmo tempo alegrias e esperanças, tristezas e angústias dos discípulos de Cristo».²

Com plena confiança no Deus que caminha com o Seu povo, permanecemos firmemente enraizados nas realidades das pessoas e dos lugares que somos chamados a servir. Não podemos negar que entramos no Ano Jubilar de 2025 carregando sobre os nossos ombros o fardo das crescentes tensões políticas e da escalada dos conflitos armados, da precariedade da economia e das calamidades naturais sem precedentes. Podemos sentir que, mais do que nunca, o mundo precisa urgentemente de pessoas, grupos e comunidades que deem testemunho de como viver em fraternidade e solidariedade, onde o bem comum prevaleça sobre o bem pessoal e os interesses particulares ou nacionais.

¹ Carta do Papa Francisco a Mons. Rino Fisichella, para o Jubileu 2025. Fevereiro 2022.

² *Concílio Vaticano II, Gaudium et Spes*, n.º 1, dezembro 1965.

O próprio Jesus recordou-nos que devemos viver o nosso discipulado com os olhos bem abertos e plenamente conscientes dos sinais dos tempos. Na encíclica *Christifideles Laici*, o Papa João Paulo II fez esta declaração profética:

*Novas situações, tanto eclesiais como sociais, económicas, políticas e culturais, exigem hoje, com força muito particular, a ação dos fiéis leigos. Se o não compromisso sempre foi inaceitável, a atualidade torna-o ainda mais culpável. Não é permitido que ninguém permaneça ocioso.*³

As tecnologias emergentes

Se tivermos um olhar mais atento ao mundo atual, damos-nos conta de que estamos imersos em mudanças frenéticas que dificilmente conseguimos acompanhar, mudanças impulsionadas principalmente pela tecnologia. As inovações tecnológicas estão a acelerar exponencialmente, apresentando ao mundo possibilidades inimagináveis que podem ser utilizadas tanto para o bem como para o mal. O desafio da Inteligência Artificial é um exemplo disso, pois vemos o seu imenso potencial para melhorar a vida humana, especialmente em áreas como a medicina, a educação e o avanço da investigação científica, enquanto, por outro lado, pode ser utilizado - e já foi utilizado - para o contrário, representando uma séria ameaça à paz, à estabilidade financeira, à segurança da economia digital, etc.

O Papa Francisco resumiu as características da época atual:

...porque não estamos a viver apenas uma era de mudança, mas uma mudança de era. Estamos, portanto, num daqueles momentos em que as mudanças já não são lineares, mas de profunda transformação; constituem escolhas que transformam rapidamente o modo de viver, de interagir, de comunicar e

³ João Paulo II, *Exortação Christifideles Laici*, n.º 3. Dezembro 1988.

*elaborar o pensamento, de se relacionar entre as gerações humanas, de compreender e viver a fé e a ciência.*⁴

A paz ilusória

Outra realidade global que o mundo enfrenta é a deterioração da paz entre as nações e no interior das mesmas. A violenta guerra no Médio Oriente, entre a Ucrânia e a Rússia, e os conflitos armados, assim como a violência em curso em algumas zonas de África, na América Latina e na Ásia, causaram e continuam a causar um sofrimento indescritível a milhões de pessoas atingidas. Na verdade, esta realidade afeta-nos diretamente quando pensamos nos nossos próprios membros da IT na Terra Santa, que vivem sob a ameaça da guerra atual.

Infelizmente, num mundo onde milhões de pessoas vivem na mais absoluta pobreza e subdesenvolvimento, vemos como uma enorme quantidade de recursos é canalizada para a compra e criação de armas de destruição e para a acumulação de armamento potente e mortífero. A alteração do equilíbrio de poder mundial, com o surgimento de novas alianças e rivalidades que afetam a coexistência pacífica dos povos, também pôs em causa a ordem mundial. Nunca nos sentimos tão inseguros quanto ao futuro –à escala global– como hoje.

Instabilidade económica

No plano económico, o mundo está preso a um sistema que concentra os recursos em poucas mãos, dando-lhes assim o poder de gerir a economia em seu próprio benefício. Embora a riqueza mundial tenha aumentado drasticamente nas últimas décadas, o

⁴ Papa Francisco: Discurso à Cúria Romana, 21 de dezembro de 2019.

escândalo da pobreza e da marginalização só se intensificou, deixando para trás grande parte da população mundial.

O Catecismo da Igreja Católica ensina-nos que «os bens da criação são destinados **a todo o género humano...**».⁵

E o Papa João Paulo II sublinhou ainda que:

*Deus deu a terra a todo o género humano, para que ela sustente todos os seus membros sem excluir nem privilegiar ninguém. Está aqui a raiz do destino universal dos bens da terra.*⁶

O lamentável estado da nossa casa comum

No que se refere ao meio ambiente, verificámos que o ritmo da produção, do consumo, dos resíduos e da exploração ambiental levou a capacidade do planeta quase ao limite. Chegámos agora a um ponto em que as alterações climáticas são quase impossíveis de inverter e países de todo o mundo estão a sentir os efeitos devastadores de alterações graves nos padrões climáticos. A recente experiência da DANA (*Depresión Aislada en Niveles Altos – Depressão Isolada de Altos Níveis*) que devastou as províncias de Valência e Andaluzia, em Espanha, é a prova de que as ameaças destes fenómenos estão mesmo à nossa porta.

São o resultado de longos anos de uso, abuso e má utilização dos recursos da terra –especialmente pelas economias ricas e poderosas– mas são os países mais fracos e pobres os mais vulneráveis e destinados a suportar o fardo. Como consequência, assistimos continuamente a cenas de migração em massa de pessoas em busca de um lugar mais seguro, longe da violência, ou de um lugar onde tenham a oportunidade de reconstruir as suas vidas e encontrar um futuro melhor para si e para as suas famílias.

⁵ *Catecismo da Igreja Católica*, n.º. 2452.

⁶ João Paulo II, *Encíclica Centesimus Annus*, n.º 31, maio 1991.

II. RESPOSTA AOS DESAFIOS ATUAIS

Enquanto organização internacional de leigos com a vocação de ser uma influência *humanizadora* e transformadora no mundo, o âmbito de influência dos membros da IT é o dos assuntos seculares, o das questões quotidianas da sociedade.

A *Constituição Lumen Gentium* expressa-o bem:

Por vocação própria, compete aos leigos procurar o Reino de Deus tratando das realidades temporais e ordenando-as segundo Deus. Vivem no mundo, isto é, em toda e qualquer ocupação e atividade terrena, e nas condições ordinárias da vida familiar e social, com as quais é como que tecida a sua existência. São chamados por Deus para que, aí, exercendo o seu próprio ofício, guiados pelo espírito evangélico, concorram para a santificação do mundo a partir de dentro, como o fermento, e deste modo manifestem Cristo aos outros, antes de mais pelo testemunho da própria vida, pela irradiação da sua fé, esperança e caridade.⁷

E nós, como podemos responder às realidades que nos rodeiam? Como podemos reorientar a nossa perspetiva e os nossos pontos de vista, concretamente, onde nos encontramos e nas realidades ao nosso alcance - até ao mais básico, o nosso próprio modo de vida - de modo a sermos capazes de oferecer um testemunho contracultural face à cultura dominante de violência, de domínio dos fortes e poderosos, de exploração dos vulneráveis, de abandono e abuso da nossa casa comum?

⁷ Concílio Vaticano II, *Constituição Lumen Gentium*, n.º 31, novembro 1964.

Criar uma cultura do encontro

Um tema recorrente nos discursos e escritos do Papa Francisco é a importância de criar processos de encontro, processos que ajudem e permitam que as pessoas assumam as diferenças. Criar uma cultura do encontro que traga estabilidade duradoura. Uma cultura do encontro que se forja através do diálogo.

No seu discurso à Delegação do Conselho Universal para a Paz, o Papa Francisco sublinhou mais uma vez que «o diálogo é o único caminho para a paz, para o encontro» e encorajou «a empenharmos sempre no diálogo».⁸ Este diálogo implica aproximar-se, falar, escutar, conhecer e compreender o outro, para encontrar um terreno comum.

Na **XIX Assembleia Geral** reafirmamos esta cultura do encontro quando expressamos o nosso desejo de abraçar o caminho sinodal como constitutivo da nossa identidade de IT; que as nossas respostas ao chamamento da missão sejam dadas a partir da “mística do nós”, que implica a inclusão de todos aqueles com quem entramos em contacto. Por isso decidimos **recriar os nossos espaços comunitários**:

*Queremos que sejam espaços abertos, baseados na comunicação profunda e na procura do bem comum que vai para além das polarizações. Espaços onde o perdão é vivido como aprendizagem de cura e onde as nossas fragilidades são acolhidas. Tudo isto torna possível uma fraternidade e um amor mútuo que são testemunho e nos impulsionam para a missão.*⁹

Por isso, este ano, centremos a nossa renovação comunitária na recriação dos nossos espaços comunitários através do caminho

⁸ Papa Francisco, Alocución a la Delegación del Consejo Universal por la Paz, noviembre 2024.

⁹ XIX Assembleia Geral IT, “Acuerdo 2: Recrear los espacios comunitarios”, agosto 2023.

sinodal do diálogo e da escuta. Abrindo espaços onde partilhamos a fé e a vocação como setores ou delegações, associações e grupos ACIT, grupos MIT e *Alumni*, famílias e equipas, refazemos o tecido comunitário da IT a todos os níveis.

O documento final do Sínodo afirma que a sinodalidade, humildemente exercida, é profética para o nosso mundo:

Praticado com humildade, o estilo sinodal pode fazer da Igreja uma voz profética no mundo de hoje. (...) Vivemos numa época marcada pelo aumento das desigualdades, pela crescente desilusão com os modelos tradicionais de governação, pelo desencanto com o funcionamento da democracia, pelo aumento das tendências autocráticas e ditatoriais, pelo predomínio do modelo de mercado sem ter em conta a vulnerabilidade das pessoas e da criação, e pela tentação de resolver os conflitos através da força e não do diálogo.

Práticas autênticas de sinodalidade permitem aos Cristãos desenvolver uma cultura capaz de profecia crítica face ao pensamento dominante e, assim, oferecer um contributo peculiar na procura de respostas a muitos dos desafios que as sociedades contemporâneas devem enfrentar e na construção do bem comum.¹⁰

Questionar o nosso estilo de vida

Podemos não ser capazes de oferecer grandes soluções para muitos dos problemas do mundo, mas podemos sempre começar por algo pequeno e - sobretudo - começar por nós próprios. Aceitamos o desafio de uma conversão ecológica para um estilo de vida que viva deliberadamente valores que favorecem a redução da sobre-exploração da terra e promovem a sua regeneração? Podemos

¹⁰ XVI Assembleia ordinária do sínodo dos bispos, Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação, missão. Documento final. n.º 47, outubro 2024.

escolher deliberadamente ser felizes com pouco ou apenas com o suficiente? Teremos a coragem de abraçar verdadeiramente um estilo de vida simples que rompa com o consumo supérfluo e a visão materialista?

Fortalecer a comunhão

*A comunhão e a missão estão profundamente unidas entre si, compenetram-se e integram-se mutuamente, ao ponto de a comunhão representar a fonte e, simultaneamente, o fruto da missão: a comunhão é missionária e a missão é para a comunhão.*¹¹

A comunhão e a missão expressam a própria natureza da Igreja. A comunhão que partilhamos encontra as suas raízes mais profundas no amor e na unidade da Trindade. «Como tu, Pai, estás em Mim e eu em Ti, que também eles estejam em Nós, para que o mundo creia que Tu me enviaste» (Jo 17,21).

Jesus rezou para que todos os Seus seguidores fossem “um” e depois ordenou-lhes que fossem pregar o Evangelho a todos os povos, para que o género humano se tornasse uma só família sob a paternidade de Deus e, nesta família, o amor fosse a plenitude e a perfeição da lei.

A nossa própria experiência como Instituição pode atestar a força e o impulso que a comunhão dá à nossa vivência da missão. Onde os membros estão unidos, independentemente do seu número, a missão floresce. A nossa unidade de espírito e o nosso amor à vocação que nos une ajudaram-nos a superar os muitos desafios colocados pela nossa realidade atual: diminuição numérica, dispersão geográfica, diminuição das capacidades físicas e muitos

¹¹ *Christifideles Laici*, n.º 32.

outros. Por isso, como repetidamente nos recordou o Padre Poveda, devemos preservar a unidade de espírito a todo o custo.

A força está na união, e se a união é efeito da caridade, a força é invencível. Os reinos, os povos, as sociedades, as comunidades mais fortes são os mais e os mais bem unidos. [...] Onde quer que vários se reúnam, é preciso que haja união para constituir alguma coisa, para a conservar, para a fazer progredir. Se aspiramos a que a nossa Obra seja estável, devemos esforçar-nos por viver muito unidas; se desejamos que ela se difunda e prospere, devemos reforçar essa união. [...]

O que é que devemos fazer para evitar a desolação? Unirmo-nos cada vez mais e melhor. Mais, sendo a união mais completa; [...] Uns poucos, os primeiros cristãos, formaram uma sociedade poderosa, espalharam-na pelo mundo e conservaram-na através dos séculos. Como? Dizem-no os Atos dos Apóstolos: tendo um só coração e uma só alma...¹²

Participar ativamente na missão

Cem anos depois da sua Aprovação Pontifícia, a Instituição Teresiana vê-se a si própria como uma Igreja em caminho sinodal, um povo em saída, orientado para a missão, a nossa razão de ser. O convite da Assembleia é que cada uma, cada um, assuma a responsabilidade das tarefas e esforços para construir a comunhão. Ao mesmo tempo, somos todos e todas convidados a entrar e a empreender um processo de conversão comunitária, um processo de revitalização a nível pessoal e de grupo.

No compromisso de fortalecer a comunhão que nos impele à missão, acordamos também na Assembleia desenvolver as Linhas de Missão, interpretá-las e dar-lhes vida através do Projeto Comum de Missão (PCM) de cada contexto local. Através do PCM, continuamos a

¹² Pedro Poveda, *Obras Volumen I Creí por esto hablé* (CpH) [163], 1920.

tecer espaços de diálogo e inclusão, comprometendo-nos com as famílias, agentes de transformação social, e acompanhando os jovens numa sociedade em mudança. O nosso PCM torna real e concreto o “caminhar juntos” que desejamos para responder às necessidades do presente na perspectiva da nossa vocação IT. Também aumenta a nossa consciência de que todos e todas somos responsáveis pela missão e ninguém é um mero espetador.

Juntamente com toda a Igreja no seu caminho de renovação, a Instituição Teresiana esforça-se por viver o espírito de sinodalidade e deixá-lo impregnar o nosso estilo de trabalho, de relação, de comunicação e de colaboração com os outros.

*A sinodalidade designa o estilo particular que qualifica a vida e a missão da Igreja, exprimindo a sua natureza de Povo de Deus que caminha e se reúne em assembleia, convocado pelo Senhor Jesus na força do Espírito Santo para anunciar o Evangelho. A sinodalidade deve exprimir-se no modo ordinário de viver e de trabalhar da Igreja. [...] é o *modus vivendi et operandi* específico da Igreja, Povo de Deus, que revela e dá conteúdo ao seu ser como comunhão, quando todos os seus membros caminham juntos, se reúnem em assembleia e participam ativamente na sua missão evangelizadora.¹³*

¹³ “Que é sinodalidade?” [Web do processo sinodal](#). (Não há tradução em português).

III. O CHAMAMENTO À RENOVAÇÃO DA INSTITUIÇÃO TERESIANA

Ao longo de todo o processo sinodal e em todas as latitudes emergiu a exigência de uma Igreja não burocrática, mas capaz de nutrir as relações: com o Senhor, entre homens e mulheres, na família, na comunidade, entre grupos sociais. Somente uma trama de relações entretecida pela multiplicidade das pertenças está em condições de apoiar as pessoas e as comunidades, oferecendo-lhes pontos de referência e de orientação e revelando a beleza da vida segundo o Evangelho: é nas relações - com Cristo, com os outros, na comunidade – que se transmite a fé.¹⁴

Como portadores da mensagem de Jesus Cristo no mundo de hoje, embarcamos na alegre tarefa de renovar a Instituição Teresiana, abraçando o caminho sinodal que apela à “conversão relacional”. Como é que traduzimos isto na dinâmica das relações na Instituição Teresiana? Cultivando a nossa relação com o Senhor, entre nós (membros e associados) e entre os grupos e Associações que encarnam o carisma; mostrando cuidado mútuo, apoio e acolhimento; fomentando experiências de comunhão; tornando-nos presentes uns aos outros, com acompanhamento e companhia em todas as fases e áreas da nossa vida: companhia no desenvolvimento pessoal; companhia na fé e na vocação; companhia na comunidade; companhia nos momentos de dificuldade que encontramos na nossa vida quotidiana. Tudo isto reflete o que somos como Instituição, uma família que cuida de cada membro em todas as fases e em todas as circunstâncias em que cada pessoa se encontre.

O Padre Poveda dizia-nos:

Para que a Obra seja o que deve ser e responda ao pensamento de quem a fundou, necessita de um equilíbrio perfeito. Tenho

¹⁴ Instrumentum Laboris para a segunda sessão da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, n.º 21. Julho 2024.

*para mim uma comparação que responde ao que vos quero ensinar. As duas forças, centrípeta e centrífuga, atuando em todos os corpos mantêm o equilíbrio, e essas forças no meu caso são: a **oração** –centrípeta– e a **união e a caridade fraterna** –centrífuga. Se falta a primeira, dissipar-vos-eis, saireis do raio, fugireis, não cumprireis o vosso propósito. Se falta a segunda, não saireis para o mundo, não o iluminareis, não cumprireis a vossa missão.¹⁵*

Voltando a casa, ao nosso centro

A identidade laical da nossa vocação pressupõe que a nossa missão corresponda às necessidades e às realidades do nosso contexto. Além disso, devido a esta natureza laical - estar no mundo - é vital que a nossa vida esteja sempre em sintonia com o ritmo do Espírito, com essa «voz mansa e delicada».

O Papa Francisco, na sua última encíclica, *Dilexit Nos*, sobre o Coração de Cristo, escreveu:

Neste mundo líquido [...] movemo-nos (...) em sociedades de consumidores em série, preocupados só com o agora e dominados pelos ritmos e ruídos da tecnologia, sem muita paciência para os processos que a interioridade exige. Na sociedade atual, o ser humano «corre o perigo de se desorientar do centro de si mesmo»

E continua: *O homem contemporâneo encontra-se com frequência transtornado, dividido, quase privado de um princípio interior que crie unidade e harmonia no seu ser e no seu agir.¹⁶*

¹⁵ *CpH* [79], 1916.

¹⁶ Papa Francisco, *Encíclica Dilexit Nos*, n.º 9. Outubro 2024.

O Papa Bento XVI expressou-o de forma eloquente numa das suas mensagens do Angelus dominical:

*Cada pessoa precisa de um **centro** da própria vida, de uma fonte de verdade e de bondade da qual haurir no suceder-se das diversas situações e na fadiga da quotidianidade. Cada um de nós, quando se detém no silêncio, precisa de ouvir não só o palpar do próprio coração, mas, mais em profundidade, o pulsar de uma presença de confiança, perceptível com os sentidos da fé e, contudo, muito mais real: a presença de Cristo, coração do mundo.*¹⁷

Só encontrando o nosso centro podemos conhecer o nosso verdadeiro eu, experimentar a verdadeira paz e deleitarmo-nos com uma alegria sincera. E nesse centro habita Deus, porque «nEle vivemos, nos movemos e existimos» (At 17,28).

Alimentar o coração das nossas comunidades

O Papa Francisco, também na Dilexit Nos, escreve:

*Para exprimir o amor de Jesus Cristo, recorre-se frequentemente ao símbolo do coração. Há quem se interrogue se isto atualmente tem um significado válido. Porém, é necessário recuperar a importância do coração quando nos assalta a tentação da superficialidade, de viver apressadamente sem saber bem para quê, de nos tornarmos consumistas insaciáveis e escravos na engrenagem de um mercado que não se interessa pelo sentido da nossa existência.” Então necessitamos de recuperar a importância do coração.*¹⁸

Estou convencida de que para muitas e muitos de nós o coração será sempre um símbolo de amor, não só amor de Deus por nós, mas também do amor mútuo. Já repararam que algumas pessoas, em vez

¹⁷ Papa Bento XVI, Angelus. 1 de junho de 2008.

¹⁸ Op. Cit. n.º 2.

de escreverem a palavra “amor”, desenham um coração? Quando digo “alimentar o ‘coração’ das nossas comunidades”, quero dizer convidar cada um de nós a avaliar-se em termos da nossa responsabilidade mútua de nos amarmos uns aos outros e de construirmos as nossas comunidades no amor.

O P. Poveda, ao falar do amor (caridade), respondeu à sua própria pergunta:

Porque é que vos recomendo tanto a caridade? Porque creio que ela é a alma da Instituição; [...] e penso muitas vezes que é nela que reside a força da Instituição. [...] Assim, tudo o que está unido pela caridade tem uma força, uma coesão que forma uma muralha indestrutível.

E fez esta chamada de atenção, que é também um pedido:

Estais enraizados nos cristãos primitivos. Copiai, ajustai o vosso espírito ao deles. E o que é que se diz deles? Vede como os cristãos se amam. Os pagãos ficaram impressionados com o exemplo que davam [...] O vosso empenho tem de ser imitá-los. Que possam dizer de vós: «Vede como se amam».¹⁹

E noutro momento também escreveu:

Como o nosso é pequeno, precisa da união e da concórdia de todos os seus membros para ser forte. [...] A nossa Obra vive em tempos de egoísmo, de ódio, de vingança, de inveja e tudo isso corrói a sociedade. Nós precisamos de aplicar o bálsamo da caridade que é o único e verdadeiro vínculo de perfeição.

Além disso, a Instituição está espalhada por todo o lado. Uma num lugar, outra noutro, cada uma no seu destino, um punhado nos centros. Precisamos desse amor sobrenatural, desse vínculo, dessa “cola” misteriosa que faz com que as pessoas se perguntem: como é que sem viver em comunidade estão tão

¹⁹ CpH [386], 1932.

*unidas? [...] E agora digo-vos, como ponto capital, que a Instituição Teresiana, para ser o que tem de ser, para cumprir a sua finalidade, necessita absolutamente da caridade e da unidade fraterna.*²⁰

Estas palavras do nosso Fundador têm muito peso e urgência, sobretudo quando consideramos a atual condição demográfica da nossa Instituição. Sentimos na nossa própria carne o que Jesus disse: «A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos» (Mt 9,37).

Com mais trabalhos do que mãos para os fazer, muitos dos nossos membros têm de se dedicar a várias tarefas, em especial as pessoas que realizam serviços internos e trabalhos corporativos, sacrificando o tempo de descanso. Ao mesmo tempo, também vemos que os nossos membros vão avançando na idade e muitos enfrentam problemas de saúde ou lidam com a diminuição das suas capacidades. Portanto, é um convite permanente a cada uma e a cada um de nós para aumentar a nossa sensibilidade, multiplicar a nossa paciência e cultivar a empatia. Estes desafios e realidades poderiam ser o cenário ideal para responder ao apelo da Assembleia “para recriar os nossos espaços comunitários”. Sim, são “as nossas obras que testemunham o que somos”, mas é o nosso amor, o nosso cuidado e a nossa compaixão pelos outros que testemunham que somos cristãos, portadores da Boa Nova de Jesus.

IV. MARIA: O CORAÇÃO DA NOSSA OBRA

Não há ambiguidade na mente do Padre Poveda sobre o papel da Santíssima Virgem na Obra, caso contrário não teria declarado corajosamente que «preferia ver a Obra desaparecer a diminuir a sua devoção a Maria».²¹ Como é maravilhoso pensar que o Filho de Deus

²⁰ *Idem* [507], 1935.

²¹ *CpH* [243], 1927.

foi concebido e formado junto do bater do coração de Maria. E nos Evangelhos, entre os pouquíssimos acontecimentos da vida de Jesus em que ela é mencionada, ela é descrita da seguinte forma: «Maria guardava todas estas coisas e meditava-as no seu coração» (Lc 2,19) e «Sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração» (Lc 2,51). Este «meditar» e «entesourar/guardar coisas no coração» preparou-a, sem dúvida, para as suas maiores provações. Que todos aprendamos com o seu exemplo.

Com tantas pessoas à nossa volta a viver sem rumo, sem propósito ou sentido, sem ancoragem no transcendente, e que procuram escapar de vidas vazias e da solidão em coisas que apenas aumentam o vazio que tão desesperadamente tentam preencher, olhemos para Maria para nos ajudar a cultivar a atitude de atenção do coração.

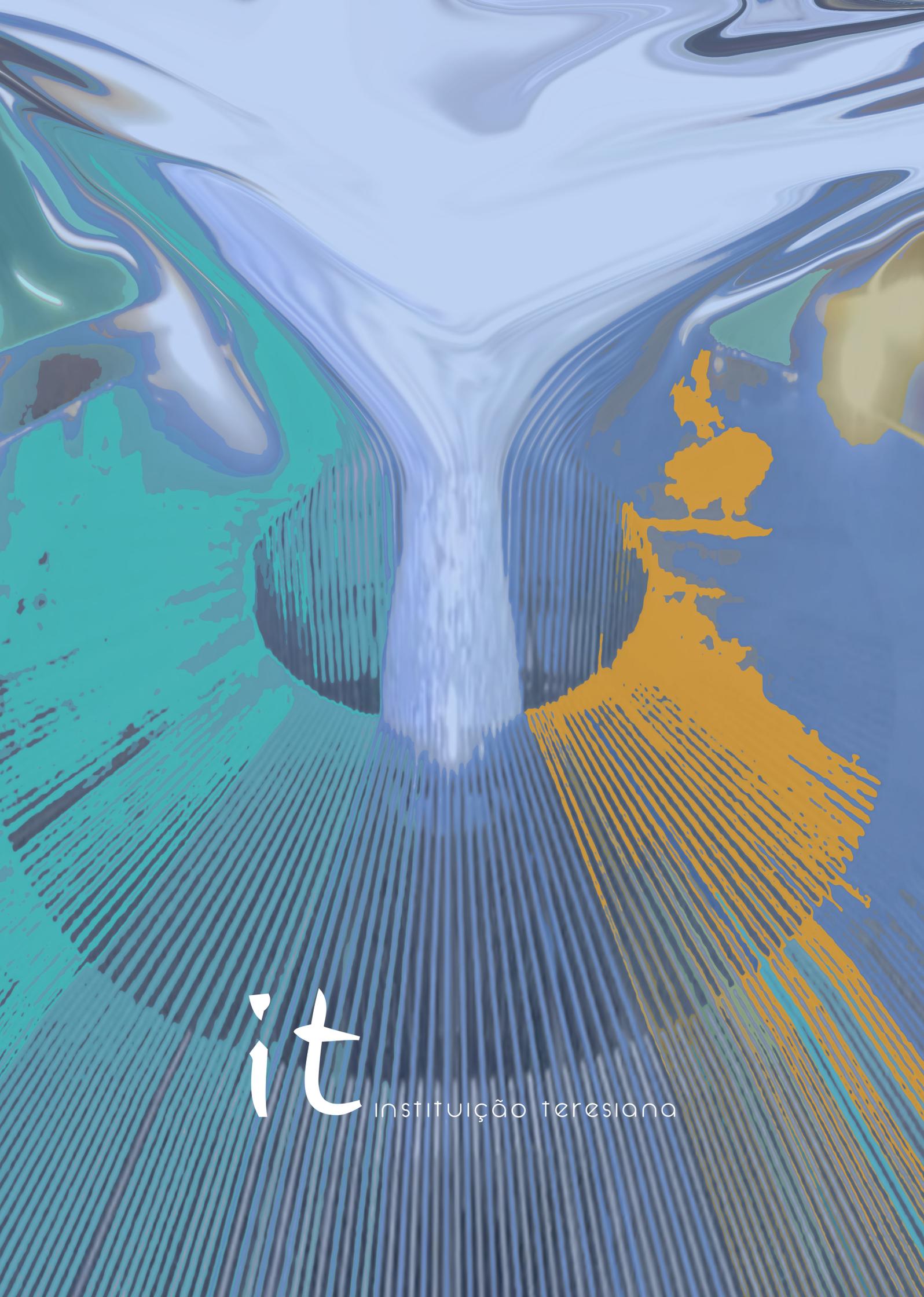
Neste ano jubilar de 2025, com o coração agradecido, proclamaremos com alegria “a bondade amorosa do coração do nosso Deus”. E, com plena confiança na Sua graça e misericórdia, repetiremos esta oração:

**Senhor, a Tua missão de amor continua através de nós;
faz-nos Teus instrumentos de comunhão e de fraternidade
onde quer que estejamos.**

Muito cordialmente,



Gregoria Ruiz



it
instituição teresiana